

REGIME EM RUINAS

O infeliz sistema de governo que, apesar de sessenta anos de triste e dolorosa experiência, persistimos em manter, parece haver chegado ao extremo da degradação moral, em que tem afundado o país. Regime onde os princípios não contam e ainda menos conta a moralidade pública e privada, as mais contraditórias alianças partidárias tem êle permitido nos Estados, com o objetivo único de conquistar ou conservar o poder. Não temos verdadeiramente partidos, senão meramente organizações eleitorais, destinadas à exploração dos cargos públicos. Daí a progressiva degeneração da vida política do país.

Expressivo índice dêste inquietante fenômeno é o comportamento do sr. Góis Monteiro na questão presidencial. Está êle filiado a um partido político, dêste é um dos mais destacados próceres, nele foi um como interventor para encaminhar as negociações sucessórias, na indicação do sr. Cristiano Machado teve ou se arrogou um importante papel. Se havia homem ligado ao PSD, principalmente depois que o sr. Nereu Ramos foi posto à margem por interferência do Catete, êsse era o sr. Pedro Aurélio de Góis Monteiro.

Que vimos, entretanto? Lançadas as candidaturas presidenciais, encerradas tôdas as negociações tendentes a um acôrdo político e perfeitamente delimitados os campos, o sr. Góis Monteiro vai visitar o solitário de Itú por ocasião de sua chegada ao Rio, com êle tem várias conferências, em suma, prestigia por todos os modos aquele que devera ter por seu maior adversário, aquele contra o qual se fizera o famoso acôrdo interpartidário, tudo isto a pretexto de restabelecer as suas relações pessoais com o antigo parceiro de aventuras ditatoriais.

Mas esta era apenas a manobra viável, pois não tardou que se soubesse o que havia por trás dela. O sr. Getúlio Vargas, candidato do Partido Trabalhista Brasileiro e do Partido Social Progressista, convidava o sr. Góis Monteiro, prócer do Partido Social Democrático e fautor da candidatura do sr. Cristiano Machado, a figurar na sua própria chapa como candidato à vice-presidência. Estava aí, senão o único, o principal motivo da sua resistência à candidatura do sr. Café Filho, lançada pelo sr. Ademar de Barros.

Que o sr. Getúlio Vargas tentasse a manobra, facilmente se compreende e até se justifica. Fortaleceria a sua própria candidatura e garantiria a posse no caso de ser eleito. Mas que o sr. Góis Monteiro a ela se prestasse, seria incrível, se não estivessemos neste país, e neste país servido por tais homens. O prócer do PSD, em vez de rejeitar liminarmente a oferta por ofensiva da sua lealdade para com os companheiros, aceitou-a em principio e submeteu-a ao seu próprio partido. Pretendia êle que o Partido Social Democrático consentisse em ser torpedeado. Como era natural, o Partido recusou o suicídio, não concordou em fornecer o sr. Góis Monteiro ao sr. Getúlio Vargas, para que êste melhor pudesse derrotar o sr. Cristiano Machado. Com a resposta do sr. Cirilo Junior, dir-se-ia encerrada a questão. Teria havido uma leviandade, uma inconsideração, um êrro, mas a tempo corrigida pela intervenção possedeista.

Puro engano. O sr. Góis Monteiro não se deu por achado; recusa-se a considerar encerrada a questão. E muito possível é que acabe sendo o companheiro de chapa do homem que ajudou a depor em 29 de outubro de 1945.

Isto posto, cabe indagar: há partidos políticos neste país? Existe uma coisa que se chama moralidade pública? Evidentemente, nada disto existe; o que temos é um regime em ruínas.